



Grande Entrevista Escola Inclusiva Exames Quadro de Honra Dia Azul Finalistas Cinema Kenpo Visitas Estudo

Jornal Irene Lisboa

Fundador João Alberto Faria **Menção Honrosa** Concurso Nacional de Jornais Escolares 2001-2002 Edição Gratuita

Director: Henrique Passos e Sousa Director-Adjunto: Orlando Ferreira Externato João Alberto Faria ANO V Nº13 Abril 2004

Na Biblioteca do Externato João Alberto Faria, de 27 de Março a 8 de Abril, aconteceu

ALBERTO GERMÁN

Exposição de Escultura Oficinas de Arte Recital de Piano Inauguração da Coluna Escultórica Palestra Arte Taurina **Esculturas**



Oficina de Escultura, 30 Março 2004.



Viagem a
Paris P3

José Luís Arnaut em Arruda dos Vinhos
Ministro-Adjunto visita
Externato João Alberto Faria



José Luís Arnaut, acompanhado por Pedro Faria, visita o EJAF.



Pianista
JAVIER
PERIANES

Suplemento

Quadro de Honra

2º Período

5º ano, turma A, Afonso Sousa, Cátia Periquito, Mariana Carvalho. **Turma B**, Catarina Silva. **Turma C**, Afonso Miguel, Bruno Faísca, Carlota Sales, Carolina Pintor. **Turma D**, Ana Sofia Palma, Ana Sofia Silva, Bianca Lobato, Carlota Soares, Carolina Ferreira, Jessica Gaspar, Joana Santos, João Miguel Silva, Nuno Lobo, Teresa Cardoso. **Turma E**, Beatriz Teixeira, Catarina Costa, Daniel Miraldo, Filipa Cameirinha, José Miguel Reis. **Turma F**, Ana Leonor Cunha, Rquel Frade. **6º ano, turma A**, Filipa Ferreira, Gilberto Silva. **Turma B**, Érico Aboo Reis, Joana Reis Campos, Valter Paulino. **Turma D**, Rafaela Parda. **Turma E**, Jessica Ramos, Patrícia Ferreira, Diana Silva, Joana Pereira. **Turma G**, Inês Coelho, Maria Dentinho, Vasco Gaspar. **7º ano, turma C**, Filipe Teixeira, Joana Arsénio. **Turma D**, Eduarda Veríssimo, Ricardo Correira. **Turma E**, Rita Silva, Sara da Silva, Tatiana Tiago. **Turma G**, Catarina Simões. **Turma H**, André Diogo Narciso, Bruno Lourenço, Inês Sofia da Eira, Nádia Bento, João Miguel Lourenço. **8º ano, turma A**, Joana Cristina Carvalho, Tobias Fernandes Lohse. **Turma B**, Filipe Saraiva Tente. **Turma D**, Filipe Alexandra Pedro, Renato Pereira Negrinho. **Turma E**, João Nuno Ribeiro. **9º ano, turma A**, Catarina Ramos, Filipe Duarte, Joana Ricardo, Marli Anágua. **Turma B**, Lara Silva, Miguel

Costa. **Turma C**, Ricardo Matias, Flávio Oliveira. **Turma D**, Luísa Santos, Tânia Ferreira. **Turma F**, Cátia Alexandra Oliveira. **10º ano, Turma A**, Ana Raquel Francisco, Daniel Christoph Lohse, Daniela Alves Ferreira, Diogo Filipe Ferreira, Susana Lopes Gaspar. **Turma B**, Liliana Borges. **Turma G**, Fábio Miguel Morgado, Natasha Sofia Reto. **11º ano, Turma A**, Joana Gaspar Simão, Nuno Reis Vale, Sofia Dias Raposo. **Turma D**, Fábio Lavareda. **Turma F**, Ana Filipa Mendonça, Ana Patrícia Lavareda. **12º ano, turma A**, Célia Lopes, Cláudio Santos, Inês Cunha, Liliana Berbém, Luís Carlos Lourenço, Pedro Campos, Ricardo Ramalho, Soraia Reis. **Turma D**, Ângela Pombo, João Delicado, Judite Baixinho, Mara Vieira. **Turma E**, Diana Paulo, Paulo Fonseca. **Turma F**, Catarina Marcelino, Cátia Teixeira, Joana Valente, Tânia Mateus. **Ensino Básico Recorrente**, Graça Maria Carvalho, Dina Maria Cardoso, Ana Isabel Neto, Vanda Cristina Miranda, Maria de Fátima Machado, Maria de Fátima Palma. **Ensino Secundário Recorrente**, Ana Isabel do Vale, Ana Raquel Bagueicho, José António Fagulha, Luisete Maria Soares, Silvina Rosa Dinis, Arlos Alberto Alegria, Carlos Bruno Fernandes, Sérgio Neves Rodrigues.

Dia Azul 11 de Fevereiro

O dia amanheceu verdadeiramente azul! Envolvidos em diversas actividades, os alunos do Externato João Alberto Faria aproveitaram para descontraír e esquecer, ainda que por breves momentos, a rotina dos vulgares dias escolares. De resto, esse é um dos principais objectivos da equipa que organiza anualmente este dia na nossa escola.

Desde actividades ao ar livre como a gincana, passando por desportos cobertos como o Sunny 3x3 ou o ténis de mesa, até eventos culturais como a exposição “Arte do Egipto” e experiências laboratoriais diversas, alunos, professores e funcionários desfrutaram de um dia criativo, divertido, diferente e saudável, para desanuviar do stresse diário.

Dentre as muitas opiniões, destaca-se a do nosso Director, Henrique Passos e Sousa, que aposta em dias como este na busca de novas formas para “abrir horizontes”.



IX Olimpíadas do Ambiente

Os alunos do Externato participaram no passado dia 13 de Janeiro, na 1ª eliminatória das IX Olimpíadas do Ambiente.

Na categoria A inscreveram-se 32 alunos e na categoria B, 11 alunos. De todos os participantes ficaram apurados para a segunda eliminatória 6 alunos.

Na categoria A passaram à 2ª eliminatória: Tânia Ferreira,

9º D e Filipe Oliveira, 8ºE.

Na categoria B os alunos apurados foram: António José Esteves, 12ºD, Cláudio Santos e Ricardo Ramalho, 12ºA e Liliana Borges, 10ºB.

A 2ª eliminatória realizou-se a 11 de Março, no anfiteatro 14 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Breves

Dêem uma oportunidade à paz!



Alunos do EJAF mostram-se solidários.

No dia 26 de Março, alunos, professores e funcionários da escola foram convidados a trazer uma t-shirt, camisola ou camisa branca, para juntos mostrarmos a nossa solidariedade para com as vítimas dos atentados terroristas que têm ocorrido ultimamente em todo o mundo!

A iniciativa partiu da Comissão Representativa dos Alunos (CRA) do Externato.

Na foto, estão todos aqueles que se associaram a este apelo simbólico de solidariedade.

Gincana EJAF de Matemática

- 1º lugar, 6º D, Nuno Gonçalo Silva
- 2º lugar, 7º B, Daniel Nunes Pereira
- 3º lugar, 6º A, Renato João Carvalho
- 4º lugar, 6º A, Carlos Alberto Costa
- 5º lugar, 7º I, Ricardo Jorge Caeiro

Ceias de Natal 2003/2004

- 1º Prémio
- 5º D, 6º A, 7º E, 8º E, 9º A, 11º G.

Ranking do Ministério da Educação
Exames Nacionais 2002/2003

Externato João Alberto Faria
Pelo 2º ano consecutivo

1ª Escola Fora da Área
Metropolitana de Lisboa

Em 2002-2003 fomos também

Uma das escolas com média
mais alta a Matemática

Franceses por sete dias



Sacré-Coeur, Montmartre.

por Ana Marta Lopes, 10º B

1º E 2º DIAS. Frio...ficou na rua. Sono...ficou em casa. Família...ficou para trás. Amigos... alguns foram connosco, outros “na bagagem” e outros ainda foram no pensamento. Casa...durante dois dias ...o autocarro. Tudo a postos e...PARTIDA!

Música, conversa e boa disposição foram os ingredientes principais para dois cansativos dias de viagem. Algumas paragens serviram para descontrair (como foi o caso da paragem nos Pirinéus em que, supostamente, deveríamos aproveitar para nos aquecermos mas, ao invés, as bolas de neve e as correrias foram o nosso principal aquecimento); outras, nem demos por elas.

As primeiras visitas foram ao *Château de Chambord*, de manhã, e à tarde uma paragem na *Cathédrale de Chartres*. Durante a primeira visita reinou o entusiasmo perante os grandes jardins do palácio de caça. Já durante a tarde o sentimento era de revolta perante as horas que ainda nos separavam de um banho quente. À chegada ao hotel instalou-se o caos perante as dezenas de malas a transportar para os quartos e apenas um elevador em funcionamento. Depois de um banho quente e uma refeição quente - “cama”.

3º DIA, DISNEYLAND PARIS. Dentro do “Mundo Encantado” a procura de adrenalina foi uma constante: percorremos todas(

ou quase todas) as montanhas russas, simuladores e outros que tais. Os mais procurados foram, sem dúvida o Foguetão, Indiana Jones e Os Piratas das Caraíbas, entre outros.

4º DIA. Segunda-feira, dia de museus: Musée National d’Histoire Naturelle (Grande Galerie de l’Evolution) e a visita ao Musée du Louvre. A grande atracção do dia foi sem dúvida a Mona Lisa, mas depois de tantos quilómetros percorridos e a grande velocidade a atracção turística passou a ser apenas um quadro com uma senhora sem sobrancelhas. Ao início da noite, passamos pela pista de gelo que fica situada em frente da grandiosa Câmara Municipal de Paris e depois de algumas quedas *francesas* assinadas por portugueses, soube bem depois de tanto andar, um passeio nocturno pelo Sena em “bateau - mouche”

5º DIA. Este dia começou com uma esperada visita à *Cathédrale Notre - Dame* de Paris. Infelizmente a Catedral encontrava-se em restauro sendo impossível visitá-la na sua totalidade mas, apesar disso, a boa disposição continuou a reinar, e entre muitas cantigas e gritos à mistura, seguimos viagem para a *Basilique du Sacré Cœur*

A seguir ao almoço seguiu-se uma visita a *La Défense* e ao final da tarde as máquinas fotográficas dispararam os seus flash’s contra a grandiosa obra de Gustave Eiffel e uma das principais atracções parisienses: *Tour Eiffel*. Para terminar a nossa estada em

Paris, já depois do jantar, visitámos de autocarro os *Champs Elysées*, *Arc de Triomphe* e novamente a *Tour Eiffel*. Agora só faltava uma “noite bem dormida” para terminar a viagem.

6º DIA. À saída do hotel, mais uma vez, as malas encheram a entrada e a confusão levou a cantigas animadas pois íamos iniciar a última jornada da nossa viagem. E já que as saudades de casa começavam a apertar nada melhor do que o “Hino Nacional” para alegrar as hostes.

Sáimos de Paris e seguimos para Poitiers, onde visitamos o *Futuroscope*. Sem qualquer dúvida dizemos que o espectáculo a que assistimos no final do dia, o qual incluía muito fogo (não só de artifício) e luz, foi das melhores coisas que o *Futuroscope* nos ofereceu.

7º DIA. Desta vez a viagem de regresso foi passada com tranquilidade, mas controlada. Praxes, dedicatórias, fotografias e filmes ocuparam o tempo de regresso.

A chegada prevista para as 18 horas acabou por se realizar, sensivelmente uma hora antes.

Agora basta-nos agradecer a todos os que estiveram envolvidos na preparação desta viagem e aos professores que durante sete dias nos acompanharam. Um grande obrigado! ■

Gala e Viagem de Finalistas



A Gala.



Chegada do barco a Porto Santo.

À semelhança de anos anteriores, os finalistas do Externato João Alberto Faria realizaram a sua tradicional gala no passado dia 27 de Março, no pavilhão multiusos, em Arruda dos Vinhos.

A noite começou com um jantar servido por alunos do 11º ano e confeccionado pelas funcionárias do Externato, assim como pela Dª Casimira.

O baile foi abrilhantado pelo conjunto “Os Seis Latinos” e teve início às 22h. Mais tarde, de fatos galantes e vestidos aprimorados, os finalistas dançaram a tão esperada valsa, ensaiada e coreografada pelo Prof. Onofre Pintor.

Seguiu-se a cerimónia da entrega dos diplomas, o discurso do Director Pedagógico, Dr. Henrique Sousa, e o discurso de uma representante dos finalistas sobre o percurso no Externato. No final, dois colegas, o João Delicado e o Paulo Fonseca surpreenderam a todos com uma música dedicada aos finalistas.

Por pontes, túneis furados, terra, mar e céu, andámos nós, finalistas do EJAf, na nossa viagem à Madeira, entre 13 e 17 de Abril. De facto, este ano não só conhecemos a ilha da Madeira e toda a sua costa, como também tivemos a oportunidade de navegar até Porto Santo. Enjoos à parte, desfrutámos da magnífica praia de 9 Km que a pequena ilha possui.

Ficámos instalados no Centro de Juventude do Funchal a dois passos da zona comercial, da Marina e do Casino. Neste último, situa-se o bar Copacabana, no qual estivemos algumas vezes. Fomos também a outro bar, o Molhe, situado num farol junto ao porto, com uma paisagem nocturna deslumbrante.

Dos locais que visitámos, destacam-se o restaurante Jungle Rain a 1500m de altitude, pela sua original decoração, as piscinas naturais de Porto Moniz, as cabanas de S. Jorge, as casinhas típicas de Santana e todos os miradouros.

Destes dias inesquecíveis trouxemos, além dos *souvenirs*, muito boas recordações de momentos divertidos entre os 70 finalistas do grupo e os excelentes professores que nos acompanharam.



Madeira. À porta da Pousada.

Não nos esqueceremos de ti!

Letra e Música

Paulo Fonseca e João Delicado

Nesta escola onde crescemos/aprendemos a ser alguém com os amigos descobrimos/o dom que esta escola tem.

Nossos pensamentos voam/em momentos de alegria e nossas vozes entoam/ao som desta melodia.

Refrão/Caminhámos oito anos/até chegarmos aqui muita coisa aqui deixamos/não esqueceremos de ti.

Tudo aquilo que aprendemos/nestes anos anteriores sabemos que o devemos/ a todos os professores.

Do Henrique Sousa à Barbie”
Do “Boss” ao Padre Cruz,
todos deixaram em nós
um pouco da sua luz.

Já nos aperta a saudade/das iguarias do bar,
e das malucas das contínuas/que só nos sabem chatear.

e quem não se portou bem/levou o seu correctivo,
referimo-nos a quem?/Ao Conselho Directivo!



No Bar Copacabana.

Calendário de Exames e Prazos de Inscrição 12º ano

ANEXO III - CALENDÁRIO DE EXAMES
EXAMES NACIONAIS DO ENSINO SECUNDÁRIO - 2004
1ª FASE

	Segunda - 14 de Junho	Terça - 15 de Junho	Quinta - 17 de Junho	Sexta - 18 de Junho	Segunda - 21 de Junho
9.00	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Português B (139-239)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Geologia (120) Sociologia (144) Desenho Técnico de Const. Civil (110)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Matemática (435) Latim (132)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Filosofia (114)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Química (142)
11.30	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Português A (138)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Sistemas Digitais (143) 10º/11º anos Geografia (119)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Comunicação e Difusão (105) Psicossociologia (141-241)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano História da Arte (124) 10º/11º anos Introdução à Economia (130)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Inglês (250-350-650)

EXAMES NACIONAIS DO ENSINO SECUNDÁRIO - 2004
1ª FASE (continuação)

	Terça - 22 de Junho	Quarta - 23 de Junho	Sexta - 25 de Junho	Quarta - 30 de Junho	Sexta - 2 de Julho
9.00	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Desenho e Geometria Descritiva A (408) Alemão (201-301)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Biologia (102) História (123)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Psicologia (140) Ciências do Ambiente (103)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Física (115) Int. Des. Económico e Social (128)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Teoria da Arte e do Design (145) Desenho Técnico de Mecânica (210) Mat. e Tec. Exponção Plástica (136) Desenho e Geometria Descritiva B (409)
11.30	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Francês (217-417-517)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Est. Org. e Tratamento de Dados (113) Teoria do Design (146-246)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Espanhol (247-347)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Grego (122)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Introdução ao Direito (129)

CALENDÁRIO GERAL DE EXAMES DO ENSINO SECUNDÁRIO/ACESSO AO ENSINO SUPERIOR
2004

Prazo	Ação
De 26/02 a 26/03	Inscrição para a realização de pré-requisitos 4
A partir de 11/03	Adquirir, na escola, o boletim de inscrição e as instruções sobre a inscrição para os exames
De 15/03 a 26/03	Inscrição para a 1ª fase de exames nacionais do ensino secundário (prazo normal)
De 05/04 a 14/05	Realização de pré-requisitos 5
Em 29/03 e 30/03	Inscrição para a 1ª fase de exames nacionais do ensino secundário (prazo suplementar)
Até 23/04	Anulação de matrícula em disciplinas do ensino secundário 6
De 14/06 a 02/07	1ª fase dos exames nacionais
Em 12/07	Afixação das pautas dos exames da 1ª fase
De 05/07 a 13/07	Inscrição para a 2ª fase de exames nacionais do ensino secundário (prazo único)
De 15/07 a 23/07	2ª fase dos exames nacionais
De 19/07 a 23/07	Apresentação da candidatura: 1ª fase do concurso nacional (estudantes que já concluíram os seus cursos de ensino secundário ou que os concluíram na 1ª fase de exames)
Em 02/08	Afixação das pautas dos exames da 2ª fase (excepto os exames realizados para melhorias)
De 02/08 a 11/08	Apresentação da candidatura: 1ª fase do concurso nacional (estudantes que só concluíram os seus cursos de ensino secundário na 2ª fase de exames)
Em 11/08	Afixação dos resultados da reapreciação dos exames da 1ª fase
Em 17/08	Afixação das pautas dos exames da 2ª fase referentes a estudantes que realizaram exames para melhorias de classificação
Em 30/08	Afixação dos resultados da reapreciação dos exames da 2ª fase referentes às classificações publicadas em 2 de Agosto
Em 13/09	Afixação dos resultados da candidatura: 1ª fase do concurso nacional
De 13/09 a 17/09	Matrícula no ensino superior - estudantes colocados na 1ª fase do concurso nacional
Em 16/09	Afixação dos resultados da reapreciação dos exames da 2ª fase referentes às classificações publicadas em 17 de Agosto
Em 13/09 a 17/09	Apresentação da candidatura: 2ª fase do concurso nacional
Em 06/10	Afixação do resultado da candidatura: 2ª fase do concurso nacional
De 7/10 a 13/10	Matrícula no ensino superior - estudantes colocados na 2ª fase do concurso nacional

EXAMES NACIONAIS DO ENSINO SECUNDÁRIO - 2004
2ª FASE

	Quinta - 15 de Junho	Sexta - 16 de Junho	Segunda - 19 de Junho	Terça - 20 de Junho	Quarta - 21 de Junho	Quinta - 22 de Junho	Sexta - 23 de Junho
9.00	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Português B (139-239)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Biologia (102) História (123) Desenho Técnico de Const. Civil (110)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Matemática (435) Latim (132)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Francês (217-417-517)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Mat. e Tec. de Exp. Plástica (136) Ciências do Ambiente (103) Espanhol (247-347)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Des. Geom. Descritiva A (408) Introdução ao Direito (129)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Desenho Técnico de Mecânica (210)
11.30	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Português A (138)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Teoria do Design (146-246) Comunicação e Difusão (105)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Psicossociologia (141-241)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Des. e Geom. Descritiva B (409) Teoria da Arte e do Design (145) Est. Org. Trat. Dados (113)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Espanhol (247-347)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Introdução ao Direito (129)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Sistemas Digitais (143) Alemão (201-301)
15.00	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Química (142)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Inglês (250-350-650)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano História da Arte (124) 10º/11º anos Geografia (119)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Filosofia (114)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Física (115) Int. Des. Económico e Social (128)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Grego (122) Geologia (120) 10º/11º anos Introdução à Economia (130)	
17.30	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Sociologia (144)	ENSINO SECUNDÁRIO 12º ano Psicologia (140)					

Visita de Estudo ao Lar da Sta. Casa da Misericórdia

No âmbito do programa de Formação Cívica do oitavo ano, que visa o estudo da solidariedade e o respeito pela terceira idade, a turma A visitou o Lar da Santa Casa da Misericórdia no passado dia 10 do mês de Fevereiro. A turma foi acompanhada pela Directora de Ano, a professora Elisabete Pombeiro e a professora Emília Miranda.

Dentro da instituição entrevistámos alguns dos utentes, que se disponibilizaram de imediato a colaborar falando sobre o dia-a-dia no lar e também sobre o seu passado.

Com os resultados das entrevistas verificámos que as suas idades variam entre os setenta e os noventa anos sendo a maioria do sexo feminino, e viúvas. Grande parte destas pessoas nasceram no Concelho de Arruda dos Vinhos, no entanto alguns também são provenientes de outras regiões do país tais como Algarve, Alentejo, Lisboa, entre outros.

Do seu passado falaram sobretudo das profissões que exerceram enquanto pessoas activas. Assim podemos concluir que trabalharam, nomeadamente, na agricultura, pecuária, comércio, serviços e também na construção civil.

Sobre o seu dia-a-dia não quiseram revelar muitas coisas, no entanto todos deixaram transparecer a tristeza que sentem por estarem longe da família e sobretudo pelo facto de não receberem visitas regularmente.

Queixam-se de que raramente recebem visitas, à excepção de alguns jovens, sobretudo das escolas do nosso concelho que visitam a instituição no sentido de tomarem conhecimento do modo de vida dos idosos no lar.

Com este estudo percebemos que deveriam ser feitas mais visitas como esta porque, para além de nos ajudar a entender a solidão destas pessoas, também contribui para minimizar a tristeza em que vivem.

Chegámos assim à conclusão de que a escola da vida é também um ensino válido que nos ajuda a analisar as situações de vários pontos de vista, não esquecendo nunca a perspectiva humanista.

A exemplo, do que de interessante nos podem mostrar estas pessoas, trouxemos um poema da autoria da D^a Maria da Conceição Responsável pelo jornal do lar, com a qual tivemos oportunidade de estabelecer uma conversa bastante interessante.

Além de escritora, esta utente é também conhecida pela capacidade de escrever quadras alusivas ao seu passado. Esperemos que gostem!



D^a Maria da Conceição com os nossos alunos.

A Herança

Lá se foi embora o meu tio José Bransuna/ Um dos homens mais ricos do país/ Deixando-me ficar toda a fortuna/ Após de ter esticado os dois pernas.

Deixou-me um colarinho e três gravatas/ Com pintos a dar para vedertas/ Uma caixa de fósforos com beatas/ E um guarda-chuva sem varetas.

Herdei uns bons sapatos mas em pele/ Da melhor qualidade e mais bonitos/ Tendo as gáspas atados com um cordel/ E os contrafortes presos com uma guita.

Herdei um bom fato em chaviote/ Modelo que assombra toda a gente/ Tendo as calças acabadas no caixote/ E o casaco a fingir que tinha frente.

Herdei uma vivenda para a família/ Lá no Forte de Monsanto podem crer/ Tendo a cama rente ao chão/ E a mobília está ainda na loja por vender.

Além desta fortuna colossal/ Herdei belos repouso para o Verão/ Herdei a Mitra e o Hospital/ E o Cemitério do Alto de S. João.

A propósito do objectivo da nossa visita, que consistia na confraternização com os idosos, a D^a Maria deixou-nos ainda duas quadras sobre a importância do amor e respeito que devemos ter pela terceira idade.

Este lar da Santa Casa/ É um lar acoledor/ Aqui não nos falta nada/ E temos carinho e amor.

Com um A/ Se escreve Amizade/ Com R recordação/ Com quatro letras apenas – Amor/ Do meu coração!

Editorial

pele **Director Pedagógico**
Henrique Passos e Sousa

Vamos muito em breve completar o primeiro ano lectivo nas novas instalações do EJAF. Importa, por isso, iniciar a avaliação do caminho já percorrido.

Na escola, como na vida, devemos ser sempre saudavelmente ambiciosos. Procurarmos o melhor para os nossos alunos significa ir em busca da nossa própria realização como professores desta escola.

É nesta perspectiva que quero salientar algumas das realizações que foram levadas a cabo neste período: a introdução dos Quadros de Honra e Mérito, onde justamente se destacam todos os alunos do Ensino Básico ao Ensino Recorrente, que pelas suas atitudes e empenho atingiram o grau de excelência; a magnífica exposição de escultura de Alberto Germán que tivemos o privilégio de

albergar e que constituiu uma excelente jornada de propaganda dos objectivos pedagógicos do Externato.

Não quero terminar sem referir dois artigos deste jornal que, embora versando temas aparentemente díspares, têm em comum o facto de serem exemplo do modelo de escola que nos temos empenhado em construir. São eles, o artigo da viagem a Paris pelos alunos do 10º ano e o artigo sobre a Escola Inclusiva.

Por último, quero desejar-vos um óptimo final de ano lectivo e desde já dirigir uma palavra de especial incentivo aos nossos alunos do 12º ano, que em breve irão estar envolvidos na realização dos respectivos exames. Estou certo que o vosso empenho e dedicação vos trarão os resultados desejados. Vocês merecem-no. Boa sorte para todos e boa leitura.

Ficha Técnica

Jornal Irene Lisboa Ano V nº 13 Abril 2004

Sede do Proprietário, Editor e Redacção:

Externato João Alberto Faria

Casal do Cano - 2630-232 Arruda dos Vinhos

Fundador: Dr. João Alberto Faria

Director: Henrique Passos e Sousa

Director-Adjunto: Orlando Ferreira

Redacção: Cátia Teixeira, Joana Valente, Juliana Ferreira, Mara Vieira e Tânia Mateus. **Fotografia:** Augusto Pinheiro

Arte Final e Impressão: SOARTES - artes gráficas, lda.

Caregado Park - Fracção H,I e J - Lugar da Torre

2580 Carregado. **Tiragem:** 1500 exemplares

Nº de Registo no Instituto da Comunicação Social: 124183

Externato João Alberto Faria

Escola Inclusiva

por Tânia Mateus

Numa escola a diversidade de alunos é muito vasta. Desde a diferença de idades, de cursos, e de objectivos, até à maior ou menor capacidade de aprendizagem e desempenho escolar. Todos convivemos diariamente com colegas, professores e funcionários que aprenderam a aceitar essa diversidade e a respeitá-la.

Desde cedo que o antigo EIL primou pela adesão a programas escolares específicos para orientação profissional das crianças e jovens alunos que mediante as suas dificuldades tiveram de seguir percursos diferentes do comum. Como salienta o professor Jorge da Cunha, com quem falei acerca deste assunto, o Dr. Faria sempre defendeu o princípio da Escola Inclusiva, querendo o fundador da nossa escola fazer valer este ideal de educação, diferente da ideia de integração, ou seja, não é o aluno que se adapta à escola, mas a escola que se adequa às necessidades do aluno. Esta ideia de inclusão não passa só pelos acessos à escola (elevadores, rampas, casas de banho apropriadas) ou a um currículo, mas também pela própria socialização destes jovens com toda a comunidade e pela preparação para a sua vida activa.

Assim, os alunos que possuam algum tipo de problemática impeditiva da frequência do programa escolar comum, seguem programas internos diferenciados, regulamentados pelo Decreto-Lei nº 319/91 de 23 de Agosto, que são estabelecidos depois de uma cuidadosa e rigorosa análise ao aluno pelos professores, que seguidamente irão preparar um currículo de acordo com as aptidões, necessidades, gostos e interesses de cada aluno, em conformidade com os Encarregados de Educação e com as instituições necessárias à sistematização de todo este processo.

Como explica o professor Jorge da Cunha, membro do GAPO (Gabinete de Apoio e de Orientação) a escola está determinada a tentar proporcionar iguais oportunidades a estes jovens estudantes, através dos seus serviços de Educação Especial e Apoios Educativos e de Psicologia, que ajudam na preparação dos professores e da construção e avaliação dos currículos, e nomeadamente através da colaboração de toda a comunidade escolar, que está sensibilizada para trabalhar com casos de alunos com necessidades educativas especiais.

No EJAF existem neste momento quatro alunos com este tipo de percurso diferenciado, que frequentam o 9º ano de escolaridade com aulas comuns e outro tipo de aulas direccionadas para a real preparação para a vida activa (estágios) e para dificuldades específicas. O JIL esteve à conversa com estes jovens estudantes e descobriu algumas curiosidades acerca de cada um.

O Bruno Carvalho está na turma F e neste momento encontra-se a estagiar na Biblioteca Municipal de A. Vinhos onde se encarrega da organização dos livros através de quotas, bem como do atendimento telefónico. Encara esta oportunidade como “uma rampa de lançamento para a vida activa” e não esconde que gostava muito de poder continuar a trabalhar lá mesmo depois do estágio. Considera-se “interessado pelo mundo que nos rodeia”, lendo diariamente o jornal desportivo, e vendo o telejornal. Sendo o desporto a sua área de maior interesse, Bruno pratica Kenpo e é treinador auxiliar de Futsal do professor Nuno Mourão.

Por sua vez a Cátia Cardoso é mais dada à culinária, gosta de ajudar nas tarefas da cozinha e está a estagiar no refeitório da escola, onde gostava de ficar depois de concluir o 3º ciclo. Encontra-se na turma E, gosta da praia e confessa gostar muito de Matemática.

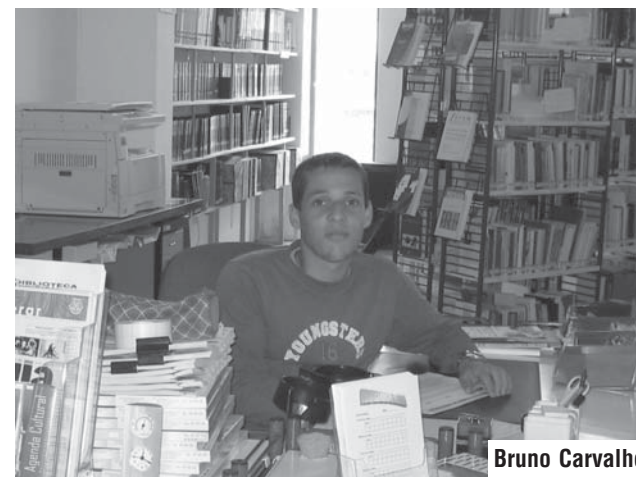
O Pedro Lourenço está na turma D e está a tirar um complemento ao 9º ano. Animado, explicou-nos que gosta imenso de percorrer o atlas e de escrever “aquilo que a mente diz”, interessando-se também por desenho e ocupando os seus tempos livres a ler histórias sobre Jesus, desenhar e escrever. Publicou um livro sobre uma história inter-galáctica, que escreveu e ilustrou nas aulas de Desenvolvimento Sociocultural e Educação Visual e tem uma colecção de quadros pintados por ele.



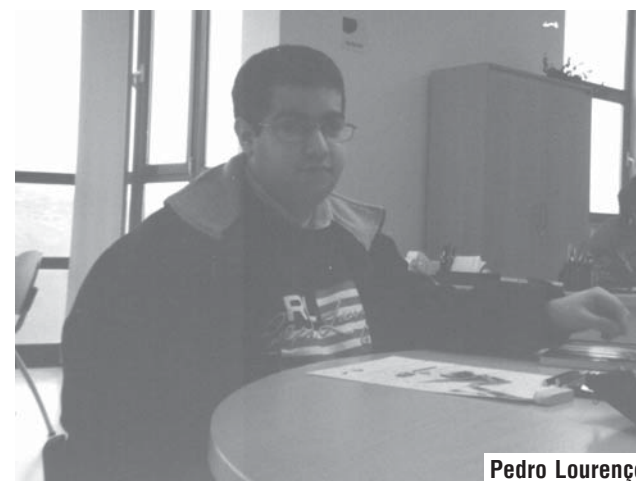
Cátia Cardoso



Vanessa Libório



Bruno Carvalho



Pedro Lourenço

A estagiar no lar da 3ª idade da Santa Casa da Misericórdia de A. Vinhos temos a nossa colega Vanessa Libório, que ajuda os idosos acamados e está a ser preparada para adquirir competências a nível hoteleiro e de restauração. Gosta de ler nos tempos livres e também ela gostava de ficar a trabalhar nesta instituição.

A opinião do professor Jorge da Cunha é que este é o verdadeiro caminho a seguir pelos jovens que se encontram na mesma situação ou em situações semelhantes, pois “as CERCIS limitam”, enquanto as escolas comuns concedem a estes alunos o acesso a situações mais funcionais. O próprio convívio com

uma comunidade escolar regular é-lhes favorável; quer aos próprios jovens com dificuldades, porque se encontram num meio onde sentem que se preocupam com eles, que se lhes dá importância, quer a professores, colegas e funcionários que “aprendem a lidar com a diferença”.

Estes jovens podem ser úteis na sociedade, como defende o professor Jorge da Cunha, porque embora apresentem muitas dificuldades, desde que para tal a escola os ajude a traçar o seu projecto de vida, as instituições os ajudem também a desenvolver capacidades, estes jovens desempenharão no futuro um papel activo na sociedade. E importa salientar, diz ainda o professor “que tem de haver respostas das empresas”, e que é importante o reconhecimento público das que realmente sempre estiveram receptivas e prontas a colaborar com o Externato, de acordo com as soluções apontadas pela escola para estes alunos. São elas a TALEs (responsável pela gestão do Externato), a Câmara Municipal e a Santa Casa da Misericórdia.

O sonho de todos os envolvidos nestes programas diferenciados e da escola é o reconhecimento das entidades que os têm apoiado. Daí que o desejo de todos seja o de que estas instituições acabem “por desempenhar a sua função social” e admitam estes jovens como desempenhadores de um papel activo na sociedade. ■

Ranking do Ministério da Educação
Exames Nacionais 2002/2003

Externato João Alberto Faria
Pelo 2º ano consecutivo

1ª Escola Fora da Área Metropolitana de Lisboa

Em 2002-2003 também fomos

Uma das escolas com média mais alta a Matemática

José Jorge Letria

“POSSO DIZER-VOS QUE A LITERATURA É O MAIS IMPORTANTE DA MINHA VIDA. TENHO PENSADO MUITO NAQUILO QUE VOU DIZER AOS MEUS NETOS QUANDO ELES ME PERCEBEREM. NAQUILO QUE LHE VOU DIZER QUE FUI. PORQUE FUI TANTA COISA AO LONGO DA MINHA VIDA QUE DEPOIS VOU TER QUE SINTETIZAR, SE NÃO ELES VÃO PENSAR QUE O AVÔ FOI ALGUM “FAZ TUDO DE CIRCO”. FUI CANTOR, JORNALISTA, POLÍTICO, SOU ESCRITOR E ADMINISTRADOR E VICE-PRESIDENTE DESTA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES. UM DIA, QUANDO ELES ME PERGUNTAREM O QUE FUI, VOU TER QUE LHE DIZER QUE FUI ACIMA DE TUDO ESCRITOR E CIDADÃO. A LITERATURA É MUITO IMPORTANTE NA MINHA VIDA. SE POR QUALQUER MOTIVO TIVESSE QUE DEIXAR DE ESCREVER, NÃO SEI SE ISSO PARA MIM NÃO SERIA DEIXAR DE VIVER. NÃO IMAGINO A MINHA VIDA SEM A LITERATURA, SEM A ESCRITA.”

Entrevista por **Cátia Teixeira e Juliana Ferreira**

Quando soube que queria escrever?

Comecei a escrever tecnicamente quando fui para a escola. Portanto, aprendi a ler e a escrever como os miúdos da minha idade. Tinha 6 ou 7 anos. Antes de se escrever em termos criativos começa-se a escrever tecnicamente. E eu, quando dei por mim, já o sabia fazer. Nessa altura, a sofisticação do ensino era muito menor. Agora, o momento em que comecei a perceber que queria ser escritor foi mais ou menos no final da instrução primária, quando estava na quarta classe.

Nessa altura, comecei a reparar que às vezes pegava em cadernos ou noutras folhas e começava a escrever coisas à margem que não tinham nada a ver com o meu programa de ensino. Fiz uma vez uma história onde pus uma vaca a voar e comecei também a fazer umas quadras mal feitas. Normalmente, começa-se mal, pelo princípio. Não foi nenhuma iluminação, nem nenhum anjo que desceu do céu, nem ninguém me disse “agora vais ser escritor.” Acredito sinceramente que isto nasce connosco, acho que há uma fortíssima dose de predestinação.

Agora, há situações em que as pessoas são estimuladas para continuar e outras em que não são. Eu sou levado a pensar na quantidade de pessoas que não se tornaram escritores porque ficaram analfabetas. Tenho conhecido muitos poetas que fazem aquelas quadras populares, e que fazem de cabeça porque não sabem escrever. Por isso, acho que a escolarização e a alfabetização são essenciais para todos poderem determinar se querem escrever ou não.

Portanto, foi por volta dos 8, 9, 10 anos que eu comecei, devagarinho, a fazer uns versos e a inventar umas histórias. Por volta dos 14, 15 anos comecei a escrever e a publicar com regularidade num suplemento juvenil do “Diário de Lisboa”, dirigido pelo Mário Castrim. Aí sim, percebi que um dia poderia vir a ser escritor.

Lembro-me que uma das primeiras histórias que escrevi quando tinha 11, 12 anos, foi a história de um miúdo a quem morria o pai, mal eu sabia que aos 16 anos isso me viria a acontecer. Era uma história inventada, que de certa maneira antecipou aquilo que acabou por ser real. Mas eu sempre tive mais tendência para escrever poesia do que prosa. Ainda hoje, embora escreva muita coisa em prosa, a presença da poesia é sempre muito forte.

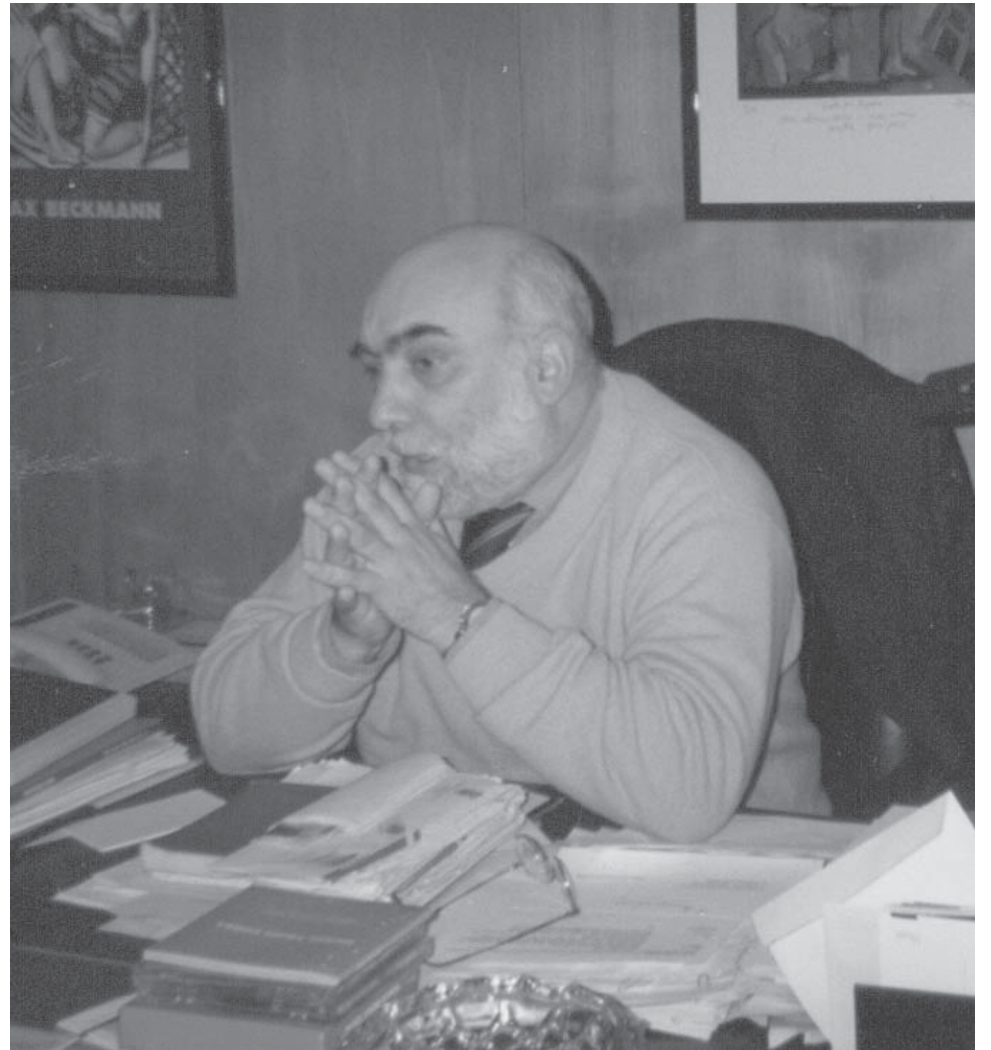
Que método utiliza para escrever as suas histórias?

Como já devem ter reparado, escrevo muito, produzo muito. Digamos que a motivação, mais do que a inspiração, vem de várias formas. Às vezes surge de uma pergunta que um jovem faz numa escola e eu penso: “será que isto é um tema interessante?”. Vem muito também do meu grau de observação da realidade. Eu tenho seis livros sobre a cidadania, o terrorismo, a globalização, a violência que são determinados pela necessidade que sinto de intervir, porque sempre fui um cidadão empenhado. Esse é um tipo de motivação, são coisas puramente acidentais.

Nasceu-me um neto anteontem, que é o meu segundo neto, e já estou a pensar numa coisa que hei-de escrever para ele, assim como escrevi para o primeiro. Digamos que eu tenho uma relação um pouco panorâmica com a realidade e com a vida, também em grande parte por ter sido jornalista, o que implicou, ou implica, uma grande atenção ao real. Daí que, com a maior das naturalidades, vem também a motivação para escrever outras coisas.

Dou-vos o exemplo de coisas que escrevi recentemente, que estarão ou não para sair. Conversando com o escultor que fez as esculturas do Parque dos Poetas, em Oeiras, surgiu a ideia de fazer um livro chamado “O Parque dos Poetas”. Achei interessante haver um parque onde as pessoas vão fazer merendas, conversar e em que existem estátuas de poetas a explicar quem eles são. Lá está uma motivação concreta.

Um dia, o Carlos do Carmo disse que não havia nenhum livro para crianças sobre o fado e eu fiz um livro chamado “Fado, fadinho” que está para sair. Só para vos dar a ideia de que eu vou



buscar motivação, mais do que inspiração, a coisas que me acontecem, que me dizem, pormenores do dia-a-dia. Isso resulta de duas coisas: do meu carácter e do facto de eu me ter exercitado ao longo da vida para estar atento ao que me circunda.

Na poesia também há essa relação com o meio ou alguma transfiguração?

Não, aí há claramente! Houve um grande poeta espanhol, Juan Ramon Jimenes que dizia que “a literatura é um estado de cultura e a poesia é um estado de graça”. Eu estou de acordo, porque acho que a poesia é um registo diferente da linguagem. Enquanto a linguagem comum, corrente, é uma linguagem previsível, cada vez mais pobre, (a nossa linguagem tem tendência a empobrecer, a perder vocabulário, riqueza e beleza), a linguagem poética é uma linguagem simbólica, que usa as palavras com sentidos diferentes, que é capaz de reconstituir a beleza de uma imagem através de uma metáfora, e nesse sentido eu acho que nasci poeta.

Mais poeta do que qualquer outra coisa. Sou dramaturgo, escrevo para crianças, mas o meu estado natural de comunicação literária é a poesia. Acho que sou um poeta e tento ser poeta mesmo quando escrevo em prosa. Tento fazer com que haja um sentimento ou um estado poético na própria prosa. Uma grande ensaísta estrangeira diz que “a poesia é a virtude e o verso é o atributo”. O verso é apenas o instrumento que por vezes pode não haver.

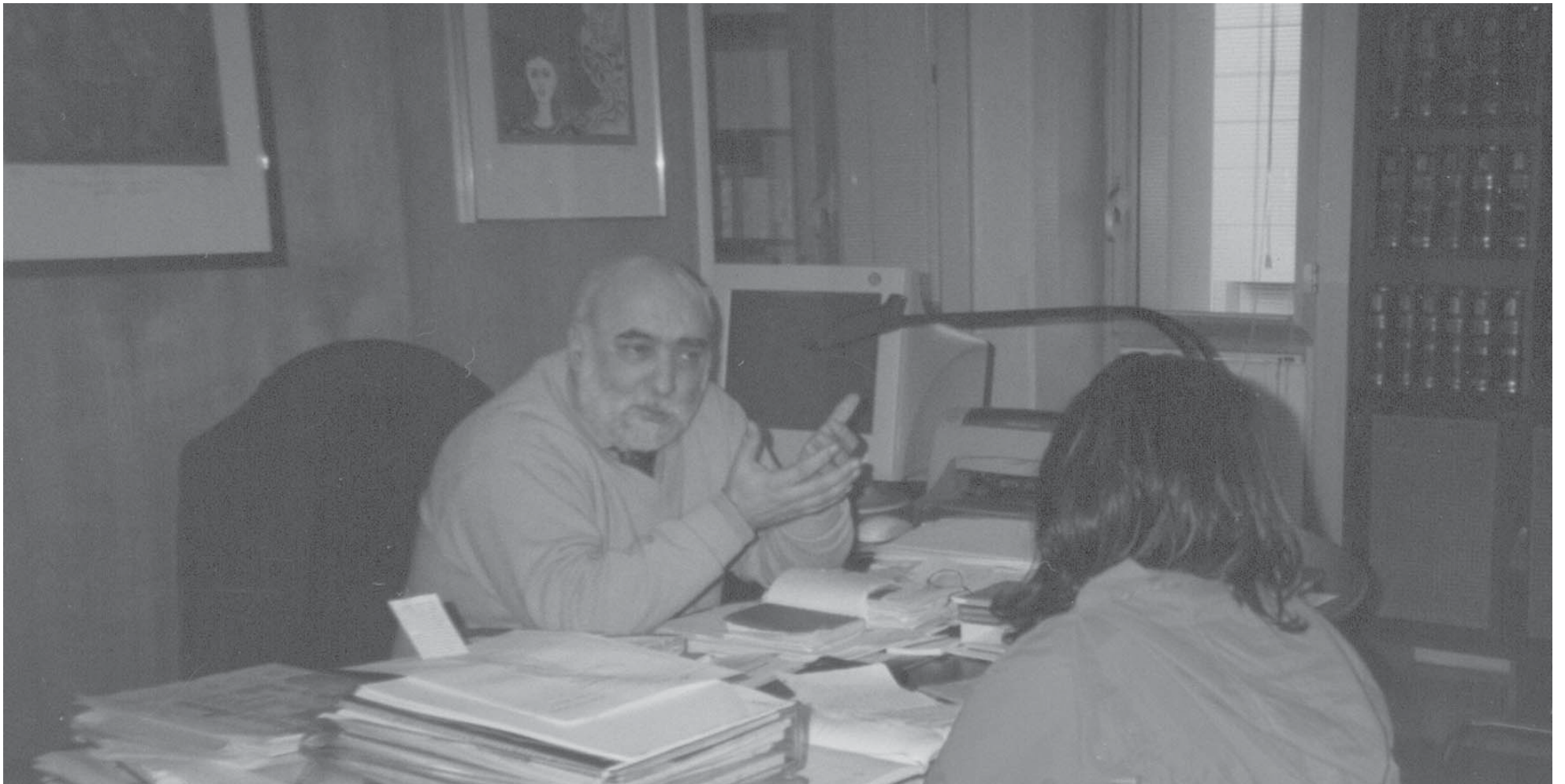
Passou por experiências diversas. Começamos pelo jornalismo.

O jornalismo foi muito importante para mim porque foi ao mesmo tempo o reconhecimento de uma vocação e uma forma de ganhar a vida. Já vos disse que o meu pai morreu quando tinha 16 anos. Estava a terminar o ensino secundário, com boas notas, pretendia tirar o curso de Direito e tive que arranjar a minha vida numa altura em que as mães eram domésticas. Tive que tratar da minha vida também em termos de subsistência.

Fiz teatro durante um ano no teatro Experimental de Cascais como actor profissional. Estava na faculdade e comecei aos 19 anos a colaborar no “Diário de Lisboa”. Depois, passei à redacção. O jornalismo foi muito importante na minha vida, ainda hoje é, embora a minha colaboração nos jornais seja muito mais espaçada. Hoje publico artigos de opinião.

Foi o que me deu uma grande disciplina de escrita, visto que trabalhei quase sempre em jornais diários, em que me diziam “são 100 linhas até às 7h da tarde”. Claro que tinha que as fazer sob pena de estar a ferir o meu contrato de trabalho. Aprendi também rapidez de escrita e disciplinei também a minha atenção à realidade. Devo muito ao jornalismo. O facto de ter viajado bastante, de ter estado em sítios bons e maus, cenários de guerra, no Líbano, nos anos 80, em Angola em 79/80, durante a guerra civil. Vi gente a ser morta, vi gente já morta, vi gente a ser atingida em plena guerra. Mostrou-me como a guerra é uma coisa trágica e absurda que faz parte da natureza humana.

O jornalismo ajudou-me também a perceber melhor a política. Ajudou-me a fazer política com grande sentido da realidade. E ainda hoje me considero um jornalista. Foram 25 anos. Já escrevia, fui cantor, estive na política, mas ainda hoje mostro com muito orgulho a minha carteira profissional



de jornalismo e sou vice-presidente da “Casa da Imprensa”. O que mostra que ainda tenho uma relação especial com esta etapa da minha vida.

Passemos à fase de cantor-político.

Comecei em 1968 e mantive até 1982, ano em que gravei o meu último disco. Fui cantor político porque esse era o meio mais eficaz que tinha para intervir. Eu já estava organizado politicamente, embora não tivesse actividade partidária. Passei a tê-la ainda antes do 25 de Abril, no Partido Comunista, do qual acabei por sair mais tarde em 1991.

A canção foi uma forma rápida e eficaz de chegar a muita gente com uma mensagem, de dizer que era preciso pôr fim à guerra, que a liberdade e a democracia eram urgentes. A melhor forma que eu tinha de o dizer era com uma viola e com as letras das canções. Penso que também aí fiz uma grande aprendizagem da vida e sobretudo aperfeiçoei a minha capacidade de comunicação. Foi importante estar num palco, por vezes sem aparelhagem nem microfones, a cantar para 500 pessoas. Não me esqueço desse período, foi dos mais ricos da minha vida. Tenho muitas saudades. Ao ouvir aqui na sala ao lado a voz do Manuel Franco, presidente da SPA, um dos mais importantes cantores de intervenção, cantor histórico, “o homem da Pedra Filosofal”, lembrei-me das centenas de vezes em que cantámos juntos em Portugal e Espanha antes do 25 de Abril, nas piores condições.

Foi uma grande aprendizagem de fraternidade, de camaradagem, de espírito de sacrifício, de vontade de ter uma coisa que hoje não há. Hoje não há causas, são causas diluídas. Hoje acha-se que o ambiente é muito importante, coitadinhos dos Timorenses, mas as grandes causas, a luta pela liberdade, por valores ou princípios, estão diluídas.

Os *media* que temos dão a sensação que a luta é outra, que o importante é chegar ao “Big Brother”, ter fama e dinheiro rapidamente, por isso os jovens hoje têm muito mais ídolos do que heróis. Um ídolo é o Figo, é uma top mode. Eu sou do tempo em que havia heróis. Um herói, quando eu era jovem era o CheGuevara. Hoje, o que eu sinto é que há poucas causas e poucos heróis. Hoje, poucos jovens sabem quem foi o Humberto Delgado, o Salgueiro Maia e é preciso ter heróis destes para se perceber que existiram pessoas que deram a vida por ideais e causas. A minha geração foi muito marcada por ideais e por causas. E quando vou às escolas tento transmitir muito isso aos jovens.

Como é que viveu o 25 de Abril?

Eu fiz parte de um pequeno grupo de civis que sabia o que ia acontecer. Era jornalista no jornal “República” onde era editor de Cultura e Espectáculos, era cantor. Trabalhava comigo um jornalista nascido em Vila Franca de Xira, chamado Álvaro Guerra, que um dia me comunicou que isto ia acontecer. Sabíamos que havia uma grande movimentação em marcha, de carácter militar, que já tinha tido um 16 de Março.

Naquela noite estava na rua com um camarada de redacção, Rogério Alves, dentro de um carro, a circular, a ver de onde saíam as tropas. Sabíamos qual era o plano de operações. Por volta das 5

ou 6 da manhã vi sair as tropas do Batalhão de Caçadores 5. Depois desci até à Avenida da Liberdade, vi os blindados do Salgueiro Maia a caminho do Terreiro do Paço. Vivi essa noite com uma emoção redobrada. Para já, porque sabia o que estava a acontecer e depois porque me senti um pouco protagonista.

Mesmo tendo em conta que já tenho filhos e netos, continuo a dizer que o 25 de Abril foi o dia mais importante da minha vida, porque foi o dia em que todos os meus sonhos se realizaram de repente. Já não tinha que ir combater para África, já não tinha que me exilar. Ao fim de cerca de dois dias, quando voltei a casa, vi o meu filho que deveria ter quatro meses nessa altura, e disse: “já não vai ser preciso fugir contigo para outro lado para evitar a guerra e a repressão”.

Foi realmente um dia de glória para o país e para o povo português. Foi o período em que Portugal foi mais famoso no mundo. Eu tive a noção de que estava a acontecer História e eu estava lá. Para mim, o 25 de Abril continua vivo, não só como memória, mas como conjunto de valores que temos que por em prática todos os dias. Devemos pensar que a liberdade não é uma coisa conquistada para sempre, temos que ter respeito pelos outros. Continua a ser uma causa e eu não quero que seja uma causa perdida, tem que se regar aquele canteiro. Há que criar condições para que a sociedade seja mais justa. O meu 25 de Abril continua sempre por fazer-se, embora esteja feito.

Estamos muito longe dos livros?

Ainda estamos bastante longe. Apesar de haver uma rede de bibliotecas por todo o país, de haver pessoas dentro das escolas a esforçar-se para que vocês leiam mais, o livro tem vários problemas em Portugal. É caro e não está disponível em todo o lado. Digamos que a dinâmica desta sociedade não cultiva a leitura. Portanto, o livro não está próximo das pessoas.

A Internet não substitui o livro, o computador não substitui o livro, a presença do escritor não substitui o livro, a fotocópia não substitui o livro. As tiragens e as edições são pequenas. Em Portugal, 56% dos portugueses dizem que não lêem um livro ao longo de um ano. Foram alfabetizadas mas perderam os hábitos de leitura.

As novas tecnologias também estão a destruir o gosto de escrever. Aquelas mensagens SMS...é complicado. Eu já vi jovens a escrever casa com “k”. É preciso diferenciar e perceber que tudo isto pode coabitar. Estas coisas são instrumentos e nunca fins. Nunca este “bicho” escreverá por mim. O problema nas sociedades é que há pessoas convencidas que isto é o fim e não o instrumento de trabalho.

Eu dei aulas na universidade o ano passado e quando apresentei os trabalhos que tinham que entregar no fim do ano lectivo da pós-graduação, vi gente já licenciada a perguntar “Ah, vai ser preciso escrever alguma coisa?”. Está a criar-se o hábito de não escrever. ■

Onze Anéis

por Nuno Gomes

Quando Peter Jackson e a produtora New Line se lançaram na tarefa megalómana de transpor para o cinema a saga de JRR Tolkien, decorria o ano de 2000. Toda a imagética e fantasia tolkieniana iria saltar da Terra Média e instalar-se em cada sala de cinema e em muitos lares. A cada suspeita de estreia de uma das três partes, surgia um dvd pirata com “versões genuínas que um amigo meu que tem um amigo em Hong Kong arranjava” ou com “edição oficial da projecção com as cabeças a passar”. Tudo cinco estrelas!! Enquanto adepto da “real thing” prefiro enfrentar a odisséia das salas de cinema, os avós que pensavam que o filme era sobre um senhor que vendia anéis, os pais que tiveram que acompanhar os petizes irrequietos, os adolescentes que acham que o Aragorn manda umas boas arrojadas nos Orcs e ainda, aqueles que competem furiosamente com o som Dolby Surround Digital a cada trinca no contentor de pipocas. Mais sossegadas são algumas baratas insuspeitas que laboriosamente limpam estes despojos no chão da sala. Entre “*Dá-lhe!*”, “*Foge Frodo*” e “*Acaba com eles*”, lá assisti à Irmandade do Anel, As Duas Torres e o Regresso do Rei e não me arrependi. As primeiras impressões deste universo tolkieniano são bucólicas, repletas de ambientes fantásticos e de uma criação digital impressionante. Porém, com o avançar da trilogia, é notória a espiral maniqueísta que coloca à prova conceitos como a Amizade, a Lealdade, a Coragem e a Esperança. Durante cerca de 8 horas somos transportados num remoinho de emoções e espanto por uma belíssima Nova Zelândia e por uma verosímil Terra Média, presos à narrativa épica de um Hobbit e seus amigos.

A cerimónia dos Oscars deste ano recompensou o exílio de 3 anos de filmagens de uma vasta equipa encabeçada por Peter Jackson com 11 estatuetas douradas, que bem podiam ser 11 anéis. E destes 11 anéis existe um que todos comanda- o anel da Ousadia que catapultou a trilogia para o pódio dos filmes mais rentáveis de sempre. No princípio era um Hobbit...

Breve Biografia (in Internet)

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) nasceu em Bloemfontein na África do Sul a 3 de Janeiro de 1892. Desde bastante novo Tolkien mostrou excelentes dotes linguísticos, até inventou as suas próprias línguas por brincadeira. Dominava latim e grego, e aprendia outras línguas, tanto antigas como modernas como o Gótico e mais tarde o Finlandês. Foi duas vezes Professor de Old English (Inglês Antigo) na Universidade de Oxford, também escreveu várias histórias, incluindo as mais afamadas *O Hobbit* (1937), e *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), que se situam numa era “*pré-histórica*” numa versão inventada do Mundo chamada Terra Média (Middle-earth). Esta era povoada por Homens, Elfos, Anões, Trolls, Orcs (ou Goblins), Feiticeiros, Dragões entre outros e claro,

Algumas Personagens da Terra Média: Gandalf, como é chamado pelos Homens, Mithrandir (Peregrino Cinzento) como lhe chamam os Elfos e Olórin no Ocidente dos Valar e Maiar, é um feiticeiro Maiar (Istan). Faz parte do Conselho Branco, um conselho de sábios da 3ª Era, formado para combater Sauron. Sauron - («O Abominado», Gorthaur) O mauzão mór da Guerra dos Anéis (O Senhor dos Anéis), era o maior servidor de Melkor, e na sua origem era um Maia como Gandalf. Melkor («Morgoth») O mais poderoso dos Ainur, rebelou-se contra Eru («O Único») e causou grandes males na Terra Média na 1ª Era (Ler o “*Silmarillion*”). Aragorn - O 39º herdeiro de Isildur em linha recta; rei dos reinos reunidos de Arnor e Gondor depois da guerra do anel; casou com Arwen, filha de Elrond. Elrond - Filho de Earendil e Elwing que no fim da primeira era optou por pertencer aos primogénitos (Elfos) e permaneceu na Terra Média até ao fim da terceira era; senhor de Imladris (Rivendell) e guarda de um dos anéis dos elfos. Frodo - («O Portador do Anel») É um Hobbit e sobrinho de Bilbo. Recebe o anel que seu tio “achara” e recebe a tarefa de transportar o anel até ao coração de Mordor para o destruir. Bilbo - É um Hobbit da família Baggins, que é “levado” por Gandalf com 13 Anões para uma aventura. No caminho acaba por conhecer os Elfos de Rivendell e Gollum a quem “rouba” O Anel. Legolas - Um Elfo que habitava na floresta de MirkWood, e é um dos membros da Irmandade do Anel.

Carta Aberta a Miguel Ângelo

É-te dado o nome de génio e de artista. Foste um grande homem, de grandes obras e talento. Deves ser admirado, suponho. Mas que é isso de artista e génio e talento? Por que devo eu admirar-te? Não gosto de hipocrisia. Não vou por isso dizer que me sinto deslumbrada com a tua obra, pois as palavras devem ser bem empregues, para que o seu significado não se perca. Deslumbramento. Oh! Deslumbramento é algo de muito especial. É algo que chega ao coração, que corta a respiração e paralisa os movimentos. Deslumbramento é sair do próprio corpo por uns momentos e viver outro mundo, outra vida melhor que esta. Um sonho! Não, a tua obra não me deslumbra. Agrada-me. Ou porque ainda não me debrucei sobre ela o suficiente, ou porque ainda não desenvolvi a linguagem para a apreciar ou então porque, simplesmente, não me deslumbra. Um artista não pode nunca satisfazer toda a gente.

Mas o que é afinal ser artista? É ter sucesso? É ter o reconhecimento dos estereótipos e serem-nos atribuídos pomposos adjectivos? Não me parece que seja isso. Ser artista é voar mais alto que qualquer ave ou tecnologia, é ser-se destemido em relação à vida. É amar ou odiar tudo e todos ou, pelo menos, quase. É defecar para o que os outros pensam de nós. É ver o mundo com os seus próprios olhos, não pelos dos estereótipos. É ver beleza na fealdade e fealdade na beleza. Ser artista é a exaltação do espectacular por menor, do racional e do irracional. É chorar e rir histérica e felizmente com a pesada chuva que nos cai nos ombros e nos afoga. Ser artista é deslumbrar-se a si próprio, acima de todos os outros! Apenas a si próprio! Mas arte é também sonhar, e os sonhos nem sempre são palpáveis, nem sempre são reais. Para um simples mortal, talvez.

Mas, e tu, morto talentoso? Que dizer sobre ti? Afinal, ainda pouco de ti disse. Deverei dizer o quão grandioso foste? Deverei falar da tua obra magnífica, perfeita e rica? Deverei falar do teu génio? Para quê? Tudo isso já foi dito e toda a gente sabe isso e toda a gente o diz. Vou antes perguntar: foste tu realmente um artista? Os estereótipos dizem que sim. E, muito provavelmente alguns artistas também o dirão. Técnica e talento tinhas, com toda a certeza. Mas e a alma? Será que a tinhas? A Pietá do Vaticano tem alma, tem dor e tem força, mas ter-lhe-á tudo isso sido dado com alma de artista? Com alma de



Hobbits. Em Agosto de 1914 rebenta a 1ª Guerra e Tolkien passa 4 meses nas trincheiras. Nestes poucos meses todos excepto um dos seus amigos mais chegados tinham morrido em acção. Devido a tais acontecimentos Tolkien começa a dar forma às suas histórias, a maioria das quais iriam fazer parte do *Livro dos Contos Perdidos* e do *Silmarillion* (ambos não publicados durante a sua vida). Tolkien acaba por voltar a Oxford mas agora como professor até 1959 quando acaba por se reformar. Mas Tolkien não parou e co-fundou um grupo de amigos, os “*Inklings*”, que se reuniam frequentemente para conversar, beber cerveja e ler os seus trabalhos em progresso. Um dia ao corrigir exames Tolkien deparou-se com uma página deixada em branco apenas com a frase “Num buraco no chão vivia um Hobbit” (em inglês claro). Tolkien decidiu que precisava de saber o que era um Hobbit, e que buraco era esse que ele vivia, porquê, etc, então decidiu investigar. Dessa investigação nasceu uma história que acabou por contar a seus filhos, e até passou a outras pessoas. Em 1936 uma cópia do conto chegou às mãos de Susan Dagnall, uma empregada numa firma de publicação de George Allen e Unwin. Ela pediu a Tolkien para a acabar (a história, claro!), e apresentar a história completa a Stanley Unwin. Este experimentou-a (a história também, claro!) em seu filho de 10 anos, Rayner Unwin, e assim foi publicado *O Hobbit* (“*The Hobbit*”) em 1937.

por Susana Jorge 11º D

ser superior, em visão apenas, aos outros? Os artistas, dizem, são doidos, completamente loucos, absolutamente chanfrados, de mente perturbada e frenética.

Foste tu, Miguel Ângelo Buonarroti, doido, louco, chanfrado, perturbado e frenético? Tiveste coragem para olhar para todos os lados e não apenas em frente, quando toda a gente o faz? Será que o foste? Se o foste, se tiveste a bravura e essência para tal, deixa-me então congratular-te, deslumbrar-me contigo. Se o não foste, se foste apenas artista e génio deixa-me então olhar para ti como um matco na história, como alguém que fez obras de grande qualidade que merecem ser sabidas, mas não apreciadas.

No entanto, se não foste o louco, também não te censuro, pois dificilmente a vida real o permite. É preciso ter a sorte de nascer na altura certa e apanhar a moda que agrada a todos. Por isso, ou foste o louco que surgiu na hora certa ou foste o homem de grande talento sem coragem para olhar para todos os lados.

Não sei até que ponto isto faz algum sentido, mas também não quero saber. A minha cabeça não pára de matraquear. Tudo isto é realmente complicado. Arte! Irei algum dia entendê-la? Será que tu a compreendeste? A minha concepção é, com certeza, bastante diferente da tua. Enquanto dou valor à exaltação da alma e ao deslumbramento através de tudo o que possa ser apreciado, amado, desprezado, odiado, tu davas, provavelmente, valor aos ideais de beleza clássicos, aos temas da religião, às ditas grandes coisas. E daí talvez não. Tudo isto é um grande ponto de interrogação. É isso que é a vida e é por isso que vale a pena vivê-la. É assim que se vive ou se morre! Tu, meu caro morto, meu caro e grandioso esqueleto, és para mim infinitos pontos de interrogação que podem levar à verdadeira loucura e não sei se alguma vez os verei procedidos de respostas com um ponto final. Deixo-te agora, talentoso esqueleto, a fim de evitar a frustração que me assola, dada tamanha divagação e pergunta retórica.

Kenpo

Tiago Martins

Tiago Martins, 14 anos, mora em Arruda dos Vinhos. É aluno do 8A do EJAF e pratica Kenpo desde os 6 anos no Clube Recreativo Desportivo Arrudense.

Começou por sua própria iniciativa e desde logo com o apoio da família. Assim, afirma Tiago ao JIL, não existem restrições para praticar esta actividade.

Foi Campeão Nacional em 1999 e em 2004. Já participou num Campeonato Europeu em Portugal, em Atouguia da Baleia e num campeonato Ibérico, em Sevilha.

Treina três vezes por semana, podendo coincidir alguns campeonatos com períodos de aulas, como é o caso dos Ibéricos e Europeus fora de Portugal.

Contudo, Tiago defende que o Kenpo contribui para a sua formação enquanto ser humano, na medida em que o ensina a auto-controlar-se e desenvolver o espírito de entreatajuda.

Apesar do seu sucesso nesta modalidade, não nega que já pensou em desistir, principalmente nos momentos em que se sente mais cansado.

Em tom de conclusão, afirma que gostaria de conciliar futuramente o seu gosto pelo Kenpo abrindo uma escola na qual ensine este desporto, tendo em simultâneo a profissão que ambiciona, arquitectura.



Dia Azul

Basquetebol

3x3 Sunny

O Sunny 3x3 foi organizado pelo Clube do Desporto Escolar, com o apoio da Federação de Basquetebol e do CAE Oeste.

Reuniu mais de 450 participantes, num total de 74 equipas que disputaram amigavelmente a vitória pelo simples prazer do desporto.

O convidado deste ano foi o norte-americano Houtman Marques, jogador de basquetebol no Física de Torres Vedras.



Houtman Marques.



Participantes no 3X3.



Participantes no 3X3, com Houtman Marques.

A Coluna do Externato João Alberto Faria



por **Alberto Gérman**, escultor

Quando me propuseram realizar uma escultura para a entrada do Externato, que englobasse o espírito deste, sonhei desde o princípio com um elemento cilíndrico, que como as antigas colunas romanas, narrasse a história e a simbologia da instituição.

Deste modo, pensei que deviam de estar representadas as diversas idades dos alunos, começando pelos de menor idade, com o menino, que situado na frente, aperta com a sua mão um coração contra o seu peito, recordando aquela ideia do fundador, que “as melhores coisas são as realizadas desde o coração”.

A esta figura abraçam-se dois adultos, um homem e uma mulher, que simbolizam os professores, corpo directivo e pessoal do Externato, que cuidam do aluno como se se tratasse do seu próprio filho, sempre vigilantes com uma vela que os guie.

Se seguimos a leitura dos relevos, encontramos uma adolescente que segura uma bandeira com um sol, que ilumina as mentes dos alunos com o Conhecimento, para além das uvas e de de um

castelo, elementos distintivos no escudo da vila de Arruda dos Vinhos, acompanhados pelo lema da Escola: “Olhos postos no futuro”.

Seguindo o percurso circular, encontramos-nos com uma última figura que representa os alunos mais crescidos. Trata-se de um jovem imerso na leitura e no estudo de um livro, no que será a sua preparação para os estudos universitários

No cimo da coluna, encontramos, em ferro soldado, a figura de um mocho dentro de umas formas circulares que adivinham uma esfera, e que se ergue como o signo de identidade da Escola desde a sua fundação.

Quero agradecer o carinho e o acolhimento que tanto a minha obra, como eu próprio temos recebido do Externato João Alberto Faria e de todas as suas gentes, o que me reconforta e me faz pensar que não se pode estar em melhores mãos. ■

Legenda na base da Coluna. Citação de João Alberto Faria, Fundador do Externato: “A história de qualquer homem é a história de uma procura e o mais importante não é o ponto de chegada, mas o percurso realizado para o alcançar.”

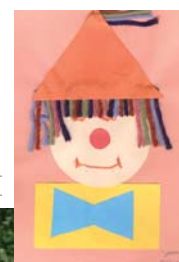
EJAF Desfile de Carnaval 20 de Fevereiro



Recorte e colagem de composições geométricas sobre cartolina, 5º e 6º anos.



Desfile do EJAF Infantil



Palhaço. Montagem com formas geométricas. Joana Oliveira, 4 anos.